



MARIA CONCEIÇÃO CABRERA DE ARMIDA (CONCHITA) MÃE DE UM SACERDOTE (1862-1937)

Maria Conceição nasceu em 8 de dezembro de 1862, em San Luis de Potosí, no México.

Quando, em 1884, Francisco Armida García pediu sua mão em casamento, ela fez esta oração a Deus: “Ouvi, Senhor, vou me casar. Dai-me muitos filhos que Vos amem e Vos sirvam! Vós sabeis que eu não valho nada! Eles vão amar-vos em meu lugar”. Nove filhos nasceram desse casamento, duas meninas e sete meninos, todos consagrados a Maria. Ela viu quatro deles morrerem, mortes santas.

Em 1889, ela deu à luz Manuel, seu terceiro filho: “Foi recitando as Ave-Marias do Angelus que dei à luz este filho, que me causou muito sofrimento. Na mesma hora em que ele nasceu, morreu um padre, o padre José Camacho, e soube depois que sua partida coincidiu exatamente com a oferta que fiz de meu filho a Deus, para substituí-lo no altar. Eu o entreguei a Deus totalmente e de todo o coração”.

Conchita dedicou-se ao seu dever de estado: “Senhor, doravante, eu Vos servirei na pessoa do meu marido, com abnegação e doçura, na pessoa dos meus filhos, com muito cuidado e prudência, e na pessoa dos meus empregados, com maior caridade. Faze com que eu não esqueça que devo primeiro participar da salvação de todos os membros da minha família. Se for preciso fazer sacrifícios, eu os farei!”

Eu gostaria que Deus me tivesse dado uma menina em vez de um menino, pois já tinha três. Após o nascimento de Manuel, Ele me deu uma que foi consagrada a Ele. Ela nasceu em 29 de setembro de 1890, enquanto recitávamos o Angelus. Eu a chamei de Maria Concepción.

Com que solicitude e carinho essa mãe vigilante acompanhou cada um de seus filhos na vida, sempre respeitando sua personalidade e liberdade. Dois deles se orientaram para a vocação religiosa.

Manuel entrou na Companhia de Jesus em 1906. Ela escreveu sobre Manuel: “Deus o chamou, ouvindo minhas orações e as dele. Assim que ele começou a falar, pedimos juntos a imensa graça da vocação religiosa. No dia da sua primeira comunhão e nas grandes festas, ele renovava com fervor essa oração. O Senhor atendeu-o.” Quanto a Concepción, ela entrou em 1907 nas Irmãs da Cruz do Sagrado Coração de Jesus.

Todos os dias ela rezava para que seus filhos perseverassem: “Senhor, a Manuel e Concha, essas duas almas puras e crucificadas para as quais, desde tenra idade, escolheste a melhor parte, concedei-lhes perseverança, sustentai-os em sua vocação. Usai-os para vossa maior glória...”



A mãe apoiava o fervor do filho. Em 9 de dezembro de 1906, ela lhe escreveu: “Entregue-se ao Senhor, com sinceridade e de todo o coração, sem nunca se repreender. Esqueça as criaturas e, acima de tudo, esqueça a si mesmo. Esvazie-se de tudo o que não é de Deus para ser elevado a Ele. Tenha uma vida de obediência, humildade e abnegação. Morra para si mesmo. Viva somente para Jesus. Que Ele reine em tua alma. Não consigo conceber um religioso que não seja um santo. Não se deve entregar-se a Deus pela metade. Seja generoso com Ele. A vida é curta demais para não nos sacrificarmos a Ele por amor. Talvez, e sem demora, as tentações e as lutas venham a atormentá-lo. Seja firme, ame sempre a cruz, qualquer que seja a forma que ela assuma. Ela é sempre amável para aquele que, sob sua aparente rigidez, sabe descobrir a santíssima vontade de Deus. [...] Eu te envolvi sob o manto de Maria desde a tua infância, ela será tua mãe, ama-a sem limites... mantenha os pés no chão, mas que sua alma e seu coração habitem lá em cima, no céu!

Manuel partiu para a Espanha em julho de 1908 e fez sua profissão religiosa em 8 de dezembro.

Em junho de 1920, ele anunciou à sua mãe que nunca mais voltaria ao México: “Comunico-lhe esta notícia para que me ajude com suas fervorosas orações e, longe de me repreender, me incentive a trilhar o caminho do sacrifício. Ver as coisas de baixo, como é natural, vai te causar dor e sofrimento, como eu mesmo sofri dolorosamente; mas não se trata disso, é preciso encarar as coisas como devem ser, com os olhos da fé. Eu queria sacrificar a Jesus Cristo, a quem devo tanto, algo que me custasse realmente, a fim de retribuir-lhe algo por suas inúmeras graças. Sob inspiração divina, fixei então meu olhar em ti, em minha família, em minha pátria, em todos vocês, enraizados no mais profundo do meu coração amoroso de filho, de irmão e de mexicano. Apesar do peso da minha pobre natureza humana, num grande impulso espiritual, ofereci-me em holocausto, sacrificando esse triplo amor tão santo. [...] Assim, meu sonho de voltar para ti, para meus irmãos e toda a família, de pisar nesta terra abençoada, santificada pela presença e proteção da Virgem de Tepeyac: tudo isso acabou e, a menos que tu venhas para cá, só no céu eu os reencontrarei.

É uma notícia triste, não é, minha querida mamãe? Sim, se considerarmos as coisas apenas do ponto de vista da carne e do sangue, mas que coisa bela e digna do meu coração é esse desejo de amar Jesus acima de todas as coisas.”

“Querida mamãe, foi você quem me mostrou o caminho. Para minha felicidade, desde pequeno, ouvi de teus lábios a exigente e salvadora doutrina da Cruz que agora estou colocando em prática. Que Deus me conceda avançar com Ele, sem jamais me deixar deter pelo sacrifício da única coisa que possuo: minha própria vida, para a glória de Deus e a salvação das almas. Feliz serei se assim for... somos felizes com a felicidade da cruz, a única que é verdadeira. Tenhamos um só desejo: nunca descer dela.

Minha inesquecível mãe, envia a tua bênção ao teu Manuel para que, no seu sacrifício, a sua alegria seja perfeita...”



Conchita escreveu em seu diário: “Sim, esta carta arrancou lágrimas do meu coração, mas com a ajuda de Deus eu aceitei e ofereci a Ele este sacrifício de não mais vê-lo na terra [...] Que o Senhor se digne aceitar meu pobre e imperfeito sacrifício que faz sangrar meu coração. Não sou digna de um filho assim.”
Ela respondeu ao filho:

“Toda em lágrimas, elevei a Deus infinitas ações de graças por ter-te inspirado e dado força para realizar um sacrifício tão grande. Fui até o tabernáculo e deposei tua carta bem perto dele. Asseguro-te: foi com toda a minha alma que aceitei o sacrifício dos sentimentos de afeto tão profundamente enraizados em mim.

No dia seguinte, levava tua carta sobre o meu coração ao comungar, a fim de renovar minha plena aceitação.

Oh! Manuel, filho do meu coração, o que há de mais grandioso depois de Deus, a única coisa verdadeiramente divina que a criatura pode fazer, é amá-Lo e glorificá-Lo sacrificando-se. [...] Para o mundo, amar é desfrutar. Em seu egoísmo, ele acredita que o amor consiste antes de tudo em receber, ser consolado, acarinhado, satisfazer-se; enquanto o amor se alimenta do dom de si mesmo e da imolação. Seu alimento é a dor. [...]

Sê sempre generoso com Deus, por puro amor, e serás sempre feliz na terra como na pátria, lá no alto.”

Em 23 de julho de 1922, Manuel, com 33 anos, escreveu à sua mãe uma semana antes da ordenação: “Mãe, ensina-me a ser padre, ensina-me o que é a imensa alegria de celebrar a Santa Missa. Eu me coloco em tuas mãos, como quando eu era criança e você me abraçava contra o teu coração para me ensinar os nomes tão doces de Jesus e Maria, pois para penetrar nesse mistério de amor, de grandeza infinita, eu me sinto realmente como uma criança que pede a tua luz, as tuas orações e os teus sacrifícios. [...] Assim que eu for padre, enviarei a ti minha primeira bênção e, em seguida, receberei a tua de joelhos.”

Em 31 de julho de 1922, no momento da ordenação de Manuel em Barcelona, Conchita, que estava no México, levantou-se durante a noite — devido ao fuso horário — para participar espiritualmente da ordenação de seu filho: “Sou mãe de um padre... Só sei chorar e dar graças, convidando todo o céu a dar graças em meu lugar; sou incapaz de o fazer, eu, tão miserável e indigna.”

Dez anos mais tarde, escreveu ao filho: “Não consigo imaginar um padre que não seja Jesus, muito menos um padre da Companhia de Jesus. Rezo por ti para que tua transformação em Cristo seja cada vez mais intensa e que sejas Jesus dia e noite.” “O que faríamos sem a Cruz? Sem as dores que unem, santificam, purificam e nos obtêm graças, a vida seria insuportável.”

Em 1936, eis uma das últimas cartas que Conchita enviou ao seu filho: Torna-te um santo. A vida é demasiado curta para parar a meio do caminho. Seja qual for o caminho da nossa busca de Deus, ele passa sempre pela Cruz. Ama-a, pois ela é o principal instrumento da nossa salvação.



Agora chegou a hora de estar com Ele. Vou rezar muito por ti. Que Ele reine plenamente em teu coração. Que Ele preencha todas as capacidades de tua alma. Que Ele te transforme em Ele, fazendo de ti, por Maria, outro Jesus.” Quatro meses depois, em 3 de março de 1937, Conchita faleceu, aos 75 anos.

Conchita não foi apenas mãe de um padre, foi também mãe espiritual dos padres.

Em 1898, a vontade de Nosso Senhor se manifestou: Sacrifica-te pela Igreja. Minha Igreja é aquilo que mais amo e é ela que mais me fez sofrer. Conchita comentou: Compreendi que Ele aludia aos maus sacerdotes e aos ministros que não buscam os interesses de Jesus Cristo, mas os próprios interesses, acompanhados de mil covardias e atitudes culpáveis.

O Senhor revelou-lhe em 1907 que “se as almas se atrasam no caminho, se a sua vida interior se extingue: a culpa é dos padres. As portas das comunicações divinas, que se abrem para a vida mística, fecham-se. E por quê? Por apatia no meu serviço, pela dissipação de suas vidas, por sua imoralidade, pela falta de estudos nessa área, pela ausência de relações íntimas e conscienciosas com as almas, pela falta de espírito de sacrifício, porque eles não amam o suficiente”. Eis os motivos e eis a causa, ou melhor, as múltiplas causas que desencadeiam e mantêm estes resultados: falta de oração, de vida interior, de pureza de alma, de relação íntima comigo; ausência de amor e devoção ao Espírito Santo, de união com Deus.

Em 1927, Nosso Senhor inspirou-a a oferecer-se como vítima pelos sacerdotes: “Ofereça-se como vítima pelos meus sacerdotes. Una-se ao meu sacrifício para lhes ganhar graças.”

Jesus explicou a Conchita, num dia de 1928, o sacerdócio espiritual: Há almas que foram consagradas pela unção sacerdotal. Mas há também no mundo almas sacerdotais que, embora não tenham nem a dignidade nem a ordenação sacerdotal, têm uma missão sacerdotal, oferecendo-se ao Pai em união comigo, para se imolarem conforme Ele deseja. Essas almas ajudam poderosamente a Igreja no plano espiritual.

“Se queres salvar almas, só há um meio único e poderoso: os padres santos. [...] Este será o verdadeiro alívio para o meu Coração: dar-me padres santos... O que os padres fizerem contra mim, tu sentirás, porque é nisso que consiste associar-te ao meu sacerdócio neles: no que sentes e suportas por causa das suas infidelidades e misérias. Desta forma, glorificarás a Trindade.”

Conchita dirigiu-se em resposta à Santíssima Trindade com esta oração: “Entreguei em vossas mãos, por uma doação absoluta, total e incondicional, todo o meu ser em favor dos sacerdotes. Quero levar no meu coração o nosso Santo Padre, carregado de todo o peso da Igreja, os cardeais, os arcebispos, os bispos, os párocos, os sacerdotes, os seminaristas que vacilam e lutam pela sua vocação. Eu mesma não valho nada, mas eu te possuo e te suplico que me uses para o bem da amada Igreja e de todas as suas hierarquias, que amo e respeito de todo o coração. Oferecerei minha vida por eles na terra e passarei meu céu a serviço deles por amor a ti”.

Essa maternidade espiritual pela santificação dos sacerdotes e da Igreja a consumiu inteiramente.